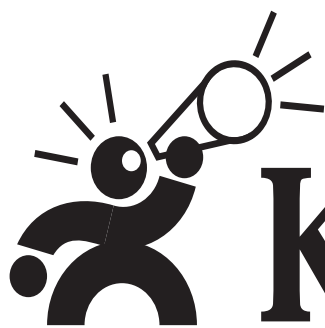




קול השומר KOL HASHOMER

Número 1 Ano 1

Novembro - Dezembro 1999

Editorial

Aizik Berner
Beyajad, México

Beyahad, a tnuá de qual eu sou parte, é realmente jovem. Apesar que o Hashomer Hatzair está perto dos 90 anos, nós apenas temos uma década, e faz um pouco mais de dois anos que nosso movimento filiou-se ao Hashomer Hatzair.

Não foi até o ano passado, no Shnat Hachshará, que eu percebi a grandeza do Hashomer Hatzair. Com isso, eu não estou somente falando da presença em Israel, ou a forma como nos receberam durante a nossa visita, fiquei surpreso com o tamanho da tnuá na América Latina.

Nas diferentes atividades nas quais a gente conviveu com os outros Kenim pude conhecer melhor a nossa organização. Mas percebi que a comunicação entre os kenim é realmente limitada quando nós estamos em nossos países.

A pesar que agora temos o clube do Hashomer Hatzair na internet (<http://clubs.yahoo.com/clubs/hashomerhatzair>) achei uma idéia interessante criar uma publicação que toda a América Latina fosse incluída e que nós permitiria compartilhar idéias e posições entre todos os chaverim.

Depois de uns quantos meses de planejamento e trabalho temos esta publicação. E assim, agora temos um meio para nos mantermos em contato, conhecer-nos melhor e chegar a uma melhor comunicação como tnuá.

Convido a todos que mandem seus artigos e sejam parte deste iton. Esta é a nossa publicação e é o produto do nosso trabalho. Espero que vejamos cada vez

uma maior quantidade de artigos e que fiquem aguardando com ansiedade o próximo número.

Um saludo com muito carinho,

Aizik Berner, Coordenador Geral do Kol Hashomer

Beyachad Achshav, Beyachad Tamid

Chazak Ve'ematz



Não só ideologia

Paola Mizrahi
Ken Najshon, Venezuela
Quando me interei da existência desta revista, alguém me disse: "Pao, escreve um

Artículo" não é que não o havia feito antes porque não queria, se não porque não encontrava algo realmente interessante sobre o que escrever.

Assim, para compartilhar minha dúvida, perguntei a Aizik sobre o que escrever; obviamente sua resposta foi:

- Sobre o que voce quiser. Grande Ajuda! (essa idéia de ser tão tolerantes e pluralistas não me ia ajudar a tomar a decisão)

Então, pensei e me dei conta de que quero falar do que significou para mim regressar depois de um ano ao Hashomer Hatzair da Venezuela.

Sim, o mesmo Ken Nachshón de que todos ouviram falar ou leram na página web; e que eu também, de Israel lia mensagens de como iam e voltavam:

- "Nos tiraram o ken."

- "Não deixem!!!"

- "Como é possível?"

- "Hashomer é o sangue jovem."

- "Estes são os endereços para mandar cartas..."

Mas não, minha mensagem não é para seguir indagando as causas-efeitos deste problema.

Creio que minha intenção ao escrever este artigo é mudar um pouco a perspectiva que se tem deste pequeno ken (mesmo que ainda não tenha um ken definido); este Ken quase no centro da América, e que por isso mesmo não pertence realmente nem a um lado nem ao outro, um Ken dirigido por CRIANÇAS (como alguns de vocês sabem, nossos bogrim quase todos têm entre 16 e 19 anos.) "o pobre e débil ken".

Esta intenção de mudar o conceito, não só a dirijo a aqueles a quem assim o vêem; é dirigida também a aqueles que fazem parte dele, incluindo a mim.

Ao regressar, encontro um grupo de bogrim amantes do Hashomer Hatzair; de "ISTO" que talvez realmente em conceito, não tenham muito claro.

Bogrim, que talvez de "AQUILO" que se chama Hadrachá não manejem demasiado por falta de experiência e treinamento; Bogrim, a quem palavras como Sionismo, Socialismo, Escutismo, parecem inalcançáveis em conhecimento.

Venho de hachshará depois de um

Indice

Editorial	1
Não só ideologia	1
A 363 dias de sair de casa	2
O Hashomer Hatzair diante o ano 2000	3
De vez em quando eu "viajo" um pouco e a Morte do Rebelde	4
A Ália como opção	6
Reforzando lazos	7
Próximas Atividades	7

Kol Hashomer

Coordenador Geral:

Aizik Berner

Desenho Editorial:

Moises Kirsch

Tradutores:

Renato Huarte

Charles E. Diesendruck

Colaboradores:

Eduardo Berner

Renato Huarte

Charles E. Diesendruck

Moises Kirsch

Paola Mizrahi

Dario Taitelbaum

Joseph Levinson

Você pode enviar seus textos e reportagens, assim como comentários ao endereço eletrônico seguinte:

berner@iname.com

<http://www.artech.com.mx/revista>

Kol Hashomer é uma publicação bimestral da Histadrut Hashomer Hatzair latino-americana. Todos os direitos reservados. O conteúdo dos artigos é de total responsabilidade dos autores dos mesmos. O conteúdo dos artigos pode ser reproduzido total ou parcialmente citando a fonte, mas deve ser avisado aos editores quando assim se faça.

Kol Hashomer, Monterrey N.L. México. 1 de novembro de 1999.



ano crendo que ia transmitir e ensinar tudo o que É Hashomer pelo que havia aprendido; e me dei conta de que são eles que me ensinam o real valor de sua existência.

Tá certo, aqui na Venezuela temos tido problemas com o espaço físico; sabemos que é importantíssimo e não o temos deixado de lado; tá certo também que as bases conceituais de conhecimento em geral são débeis, e estamos assumindo o compromisso de superarmos nesse aspecto; mas, ao que quero chegar é que as vezes caímos no erro de estabelecer prioridades ou dar níveis de importância onde outorgamos superioridade aos conhecimentos teóricos; e deixamos de lado a essência dos valores mais importantes na educação e na vida; do exemplo pessoal como humanos; a amizade incondicional, a honestidade, a solidariedade, a motivação, o entusiasmo.

No Hashomer da Venezuela isso é o que o há mantido vivo. E agora também com vontade de enfrentar nossas debilidades em ideologia e talvez nos métodos de trabalho.

Depois de muito tempo, e mesmo que pareça absurdo; foi feita uma moatzá organizada, baseando-se em metas concretas para este ano. Tratamos de redefinir o por que de existir; concretar objetivos e determinar as diferenças com outros movimentos; organizaram-se as primeiras reuniões de Mazkirut e chinuch dando pé aos roshim a reunirem-se com suas vaadot para planejar novos projetos criativos com o objetivo de atrair mais chanichim.

O processo é lento, mas creio que o que realmente levará ao triunfo ou a superação é que se mantenham essas virtudes humanas práticas e não teóricas que caracterizam pelo espírito de melhorar cada día e fazer dos valores do hashomer um ESTILO DE VIDA e não só ficarmos com o IDEAL.

O fato de sentir-nos apoiados e dar apoio vai ser a base para não desistir; e, pelo contrário, incentivar-nos a tudo o que queremos alcançar; por isso me alegre que existam estes meios para

comunicação e intercâmbio mútuo, já que, afinal, mesmo que cada um a sua maneira, nos dirigimos todos ao mesmo caminho!

CHAZAK VE' EMATZ



A 363 dias de sair de casa

Renato Huarte Cuellar

Ken Moredechai Anilevich, México

Cenas de Casablanca na tela, fones de ouvido que não funcionam e onze e meia largas horas para chegar ao México são o que me inspiram a escrever. A algumas horas se deu por terminada minha Hachshará, e assim, paro para olhar para trás.

Tantas lembranças agradáveis, tantas experiências. Quando pisar no México vou ser o último a regresar da Hachshará 98-99 (com exceção de Ruthie, por seu programa). Deixamos atrás Israel e agora nós podemos referir-nos a este ano de nossas vidas, que muitos de nossos companheiros de universidade considerariam como desperdiçado, como um investimento.

Se pararmos para analisar, somos poucos os que nos aventuramos a sair um ano de nossas casas e fazer um programa em Israel. Com certeza, aconteceu com todos que, quando chegaram, todos a sua volta disseram que mudaram em relação ao que eram. Não sei vocês, mas creio que mudamos, mas ao mesmo tempo seguimos sendo os mesmos mas com alguma coisa aprendida. Cada vez que me refiro a Hachshará, imagino como se pelo caminho da vida, cada um de nós vai em seu carro. Chega um momento que da estrada principal, alguns de nós tomamos um atalho. Ao fim de um tempo, regressamos à estrada principal, mas já vimos que pelo outro caminho vamos mais rápido e mais seguros.

Ao olhar para trás, vejo grandes momentos que passamos cada um de nós, tudo que aprendemos, as histórias

que agora contamos e as grandes amizades.

Agora para mim, e generalizo para todos no momento em que chegaram, começa uma nova etapa na vida. Muitos dizem que a Hachshará é O ano de sua vida. Eu não seria tão categórico. Do que sim tenho certeza, é que sem esta experiência chamada Hachshará, nossas vidas seriam muito diferentes.

30 de julho de 1999



O Hashomer Hatzair diante o ano 2000

*Dario Teitelbaum
Diretor Dpto Latinoamericano
Hashomer Hatzair Mundial*

Estimados Chaverim:

Poucas tnuot no mundo se dedicam tanto como o Hashomer Hatzair na educação, na formação ideológica e na preparação de novos madrichim e líderes, e poucas Tnuot como Hashomer Hatzair mantêm uma estrutura educativa estável, consequente e produtiva.

Existe uma frase, quase um clichê, que diz “Qualquer um pode ser Shomer, mas um Shomer não pode ser qualquer um...”. Esta frase poderia ser mal interpretada como uma postura “Elitista”, mas se realmente analisamos os princípios educativos da Tnuá, e fundamentalmente os resultantes de uma educação shomrica coerente, podemos ver que tudo está enfocado na auto-superação pessoal e grupal, combinada com uma interação social baseada nos princípios humanistas e orientada à realização pessoal.

Vale dizer: “Eu sou um/a jovem consciente, diferente, com minha concepção de mundo particular baseada em minhas vivências pessoais, aspirações e objetivos, comparto elas no meu mundo shomrico e expresso elas com uma vocação de serviço a minha Kehila e a minha sociedade.

Responsabilidade pela existencia e continuidade nacional do povo de Israel e a determinação de normalizar sua condição como tal. Este sionismo prático, mas a sua vez romantico, é o que leva em seus primeros anos jovens do Hashomer Hatzair a sonhar em uma sociedade igualitária como alternativa a sua existencia na diaspora e posteriormente cristalizar esse objetivo fundando Kibutzim e o Kibutz Artzi .

Estes mesmos principios motivaram os movimientos juvenis sionistas a liderar a autodefensa judaica nos obscuros dias da Shoá, e logo após o Holocausto, dedicar-se à salvação dos sobrevivientes no marco da Hapalah, sendo o setor dominante na formação do Palmach, Hagána e Tzahal desde os primeiros passos do “Estado em caminho” até a fundação do Estado de Israel, isso sem esquecer das premissas na Convivência Pacífica com os árabes habitantes do nascente estado judaico e liderando a luta pela plena igualdade e integração das minorias étnicas na sociedade israeli.

É por isso que o Hashomer Hatzair, em caráter de movimento humanista tem estado na vanguardia da luta contra o anti-semitismo e o racismo tanto na diáspora como em Israel e também encabeça a luta por uma Paz justa e estável no Oriente Medio, respeitando o direito natural de autodeterminação de todos os povos vizinhos.

É por isso que hoje, após 100 anos de sionismo político e mais de 50 anos depois da fundação de Israel, seguimos

educando novas gerações de crianças e jovens judeus na base desses principios, sendo alternativa a quatro procesos fundamentais do judaismo na diáspora:

- A ortodoxização na vida judaica: o Hashomer Hatzair é uma experiencia de vida judaica plena, sem a necessidade de adotar as posturas religiosas – ortodoxas, e assim, se impõe como alternativa a preocupante tendência ao religiosismo dando resposta as carencias pessoais e sociais da juventude judaica.

- A assimilação: o Hashomer Hatzair sabe ser foco de atração para jovens que, por diferentes motivos (economicos, sociais, procedencia de famílias mixtas e outros) não estão integrados a vida comunitária, ou que decidem não entrar no jogo imposto pelo estabelecimento judaico.

- A polarização economica: o Hashomer Hatzair sabe (e vê como objetivo) absorver a todo jovem judeu que deseja aproximar-se ao judaísmo, sem que importe sua condição social e sem que sua situação economica seja motivo de impedimento para sua participação.

- As tendências Pós-Sionistas: o Hashomer Hatzair segue sendo pioneiro no sionismo realizador, humanista e participativo, sem que isso negue a necessidade de fortalecer a comunidade local para assegurar a continuidade da vida judaica .

As perguntas são mais que as respos-



Não fique calado!!!

Escreva para Kol Hashomer

**Envie suas reportagens por
e-mail a berner@iname.com**

tas "instant"

"Há milhares de jovens judeus de nossa idade na América Latina: Ao que se dedicam? o que vão fazer no futuro próximo? Como asseguram que seguirão sendo judeus? De que maneira evitam que quem não consegue adquirir "serviços comunitários" possa seguir sendo parte da comunidade? Como mantêm o nexo com Israel?"

Talvez não vão encontrar respostas a todas essas perguntas, mas poderão estar muito orgulhosos justamente por que vocês, que se reúnem para discutir e tomar decisões sobre o caminho educativo da Tnua, conseguem realizar o que poucos podem: Ser jovens comprometidos e realizadores, dando resposta pelo menos a parte das necessidades próprias de vocês, velando pela continuidade da existência judaica e a centralização na vida de vossas comunidades no sionismo e Israel.

"Realizar é diminuir a distância entre o que eu acredito e o que eu faço"

Tá na hora de fazer-lo!

Chazak Ve'Ematz!



De vez em quando eu "viajo" um pouco e a Morte do Rebelde¹

Joseph Levinson
Ex Boguer Beyajad, México

"...como sucede nas colagens mal feitas, se sente uma escala diferente com respeito a da circunstância, uma formiga que não cabe num palácio ou um número quatro em que não cabem mais que três ou cinco unidades."

Julio Cortázar. **A volta ao dia em oitenta mundos.**

"como um perfume a que um se acostuma e já não cheia. Que não respirava o reflexo de minha imagem, como fechado em uma caixa sem

*agulheros paradoxicamente em um vasto espaço que apertava minhas costelas (como a uma lata no vazio), sempre com o lado de dentro onde ninguém a encontrava, medindo-me em pensamentos egocêntricos tão falsos e próximos ao pranto"*².

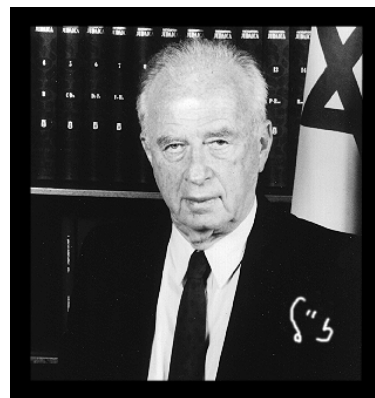
Não encontrei esta definição perfeita dos tempos de uniforme escolar, basketball e corta o cabelo porque está muito comprido até ler Drenagem em uma Penthouse de Thierry Reindereux. E mesmo que retirar-se não se limita a uma puberdade tenebrosa, era sobre tudo no Colegio Israelita que ia, agulhando de palavras rápidas e ofensas, descapitado da segurança que as outras crianças recebiam da bolha mas sempre protegido pela manta de respostas satisfatórias a inquisições chatas, desde o que acontece e o que você tem até a discussão simpática com companheiros decerebrados. Com palavras como Melancolia, Desolação, solidão, silêncio, lua, penumbra, corrupção e morte (que não devem faltar no vocabulário do pseudo-poeta adolescente em

crise), jovem Thierry ia rasgar o fundo de copos de café e cinzas acesas ao mesmo tempo que roubava palavras do ar e compunha horrendos versos disléxicos. Não os lí, jamais publicou a fumaça em que se transformaram.

*"A princípio de minha adolescência, me propus a tarefa de escrever a novela pura, e inventar esse gênero como tal, livre do tempo, espaço, história ou qualquer coisa pre-estabelecida. Me dei conta logo que o melhor que podia fazer para alcançar minha meta era não escrever nada e fazer silêncio"*³.

A questão da pureza nasce da distância de ambas realidades em que vive o adolescente, a irrevocável e a moldeável, a segunda afetada pela primeira, polo sul e polo norte do magnético, com o ímpeto de sua búscula, muito particularmente para Reindereux a pureza literária (havendo confessado alguma vez também buscar-la no amor, e na sua personalidade). Ingressa então no inframundo da criança rebelde refugiada na arte de ir-se aninhar fora dos selos

Shalom Javer



(1922-1995)

"Não vamos permitir que a tierra que emana leite e mel se converta em uma terra que emana guerra e sangue"

Yitzhak Rabin

sociais:

“Lhes é grato crer-se superiores, mortos no tempo real, infinitamente vivos e fortes a destempo, no tempo em que se vão...”⁴

Eles são os rebeldes em cafés, nas conversações onde tudo está mal, e o governo está mal, e o mundo c'est la merde, claros-escuros latões de lixo onde se refugiam e onde dizem Mundo, não me mereces e maldizem o triunfo, implorando em segredo pela oportunidade de assinar. Manifiestam sem ler seu manifesto, nas ruas com placas des-pintadas de ortografia. São talvez as melhores mentes destruídas da geração de Allen com exceção de agora. De uma geração fora de tempo por pelo menos vinte anos e muita comodidade tecnológica que complica tudo na realidade.

“Pensam que como antes gritar forte implicava ser ouvido, hoje não existem os satélites e a telecomunicação. Não sabem da preparação necessária de um intelectual, nem do

dinheiro que os respalda cautelosa-mente em um editorial. Esqueceram a competição em exercício de rebel-dia, da mesma forma como o mundo que se maneja com os valores agre-gados do curriculum, as malas e a chamada telefonica do amigo los há esquecido. Se há matado esses rebeldes que nem a xadrez sabem jogar”⁵,

propôs Marcus D. Shtoltz em seu estudo *Rebels without a Cause in the Modern World* em 1997.

De vez em quando algum evolui um pouco, o que não é prestar o cérebro a Don Señor Caballero na esperança rebelde de uma inspiração divina digna da fama. Desejaria que o fosse. Não haveria caído na preocupação de escrever estas linhas se me bastasse ir comigo mesmo onde jogam os rebeldes para serem a contraportada com cigarro na boca e talvez barba interessante que encontre a vista astuta de seu nome intelectual.

• Notas

1 Entende-se por rebelde a definição que Marcus D. Shtoltz da em seu livro *Rebels without a cause in the Modern World*: “Aquele com aspirações artísticas que se nega a obedecer a realidade, obstinado em correntes comodas fundadas na negativa do sistema e da sociedade, com desordem em suas obras e indisciplina de trabalho, sua marcada irresponsabilidade criativa e a desobrigação cultural e intelectual. É rebelde precisamente porque não o é em essência e princípio. Não lhe sobra outra opção que ser-lo.” (p.6)

2 Thierry Reindereux. *Drenagem em uma Penthouse*. P.71

3 Ibid. P.VII

4 Ibid. P.13



Anuncio Local de tu Ken

A aliá como opção

*Charles E. Diesendruck
Boguer aliá – Ken São Paulo
Kibutz Nir-Yitzjak*

Todos nós fomos ou somos chanichim, e, seguramente ouvimos falar de aliá como a realização, como o fim ideal de um processo... Ao mesmo tempo vimos que grande parte de nossos madrichim não fizeram aliá, ao fim de seu tempo de tnuá. Desses mesmo madrichim escutamos que aliá é realizar-se. Por que esses madrichim nossos não se realizaram? Por que eles nos ensinaram algo e não cumpriram?

Também escutamos deles que no passado, todos os chaverim faziam aliá. O objetivo da tnuá era formar grupos de chaverim que fariam aliá e viver ou ate fundar um kibutz em Israel. Hoje o shomer tem 85 kibutzim em Israel, grande parte deles fundados por chaverim do shomer, como nós, que aos 19 anos largaram suas vidas em suas cidades e foram pra Israel, deixando tudo para trás, pra começar uma vida nova. Mas você pode parar pra pensar; será que a situação em suas comunidades eram tão más para que a quisessem deixar para trás assim? Será que a nossa situação hoje talvez não seja pior, ou mesmo suficientemente má para que também larguemos tudo para começar uma vida nova?

Particularmente eu vejo a situação das comunidades latino-americanas, e sinto que a coisa não está bem. A assimi-

lação está cada dia maior, as escolas judaicas tem cada vez menos alunos, e os que não estão em escola judaica, por sua vez, não querem saber de um movimento juvenil, o neo-nazismo e o anti-semitismo voltaram a surgir como uma ameaça as nossas vidas entre outros mil problemas decorrentes desses, como a falência de escolas judaicas, fechamento de kenim de tnuot, e, com isso, uma assimilação ainda maior.

Olhando pra esse retrato, podemos vir a pensar que a aliá é de fato uma boa solução. Todos os bogrim da tnuá que mandamos pra Israel não vão assimilar-se, nem os seus filhos, se ficarem em Israel. Aí está uma boa solução. Vamos todos fazer aliá, garantimos que nós e nossa decendencia não vão assimilar-se, vivemos uma boa vida ideologica num kibutz, fazemos propaganda política do meretz e fodam-se as comunidades que deixamos para trás. Fodam-se meus irmãos que não eram da tnuá e ficaram, meus avós que correm o risco de morrer num atentado a sua sinagoga.

Isso não me parece muito shômrico... Foi isso que centenas de chaverim debateram no Uruguay, no começo desse ano. Se você estava presente, ótimo. Se não, não se incomode, eu também não estava. O importante é saber que a aliá, que um dia foi vista como objetivo, devido a necessidade de Israel de população judia, para construir e defender o país, hoje é uma arma. Hoje é uma arma que podemos usar para lutar contra a assimilação. E se você, depois

de terminar o periodo de tnuá, seguir como um lider comunitário, divulgando a aliá como opção de vida para familias e jovens, você estará lutando contra a assimilação, usando essa arma.

Agora, não quero dizer pra ficarmos todos em nossas comunidades fazendo isso e não fazer aliá nós mesmos. Israel um dia precisou dos bogrim de tnuá, com sua ideologia e vontade de construir. Hoje Israel ainda precisa desses jovens, energéticos, dispostos a lutar pelo que acreditam. Falando mais especificamente, relacionando com nossa ideologia, os kibutzim precisam de mais jovens como os que os fundaram.

Todos já escutamos que o kibutz está em crise... Escutamos de kibutzim fechando por problemas econômicos, falta de pessoas, sendo que os filhos não querem morar no kibutz. Isso tudo é real, e cabe a nós trabalhar para resolver também esse problema. De minha experiencia pessoal, como boguer tnuá que fez aliá para um kibutz, eu posso dizer que, a grande parte dos filhos dos fundadores do kibutz não querem ficar no kibutz. E mais, os que ficam, com exceções, claro, não tem a mesma vontade de trabalhar, não se esforçam como os pais para manter o kibutz. Quando fundado, um kibutz tinha 60 pessoas dispostas a trabalhar horas e horas para que esse kibutz estivesse vivo no dia seguinte. Dos filhos desses 60, quantos vão ficar no kibutz? Quantos vão lutar pelo futuro do kibutz? Como o kibutz vai sobreviver com esses poucos?



Enfim, o kibutz é, ao nosso modo de ver, o lugar ideal pra se viver. É um lugar onde podemos viver uma vida mais igualitária, trabalhando a terra de Israel. É o mais próximo de nosso sonho que conseguimos contruir. E esse sonho construído está morrendo.

O que eu gostaria deixar como mensagem é que quem pensa: "pobres shomrim no passado tinham que construir algo do nada e deixar suas vidas pra trás" está enganado. Eles estavam brigando por um sonho, e enfrentavam os obstáculos com soluções lógicas conhecidas e imediatas. Hoje nós temos nosso sonho, que é que Israel siga no caminho da paz e da igualdade, mas além desse sonho, que estamos alcançando também, temos 2 problemas que estamos enfrentando, mas que até agora não conseguimos uma idéia definitiva para resolver-los. Temos que lutar pra que as comunidades não se terminem vencidas pela assimilação e ao mesmo tempo lutar para que o kibutz, que é o único lugar onde podemos ver nossa ideologia realizada, não morra, e assim, nossa ideologia não volte a ser só um sonho. O que fazemos para tentar enfrentar esses problemas e ao mesmo tempo fazer com que Israel siga seu caminho, é sendo o que somos, shomrim que educam, que são concientes de seus defeitos, que fazem ália para um kibutz ou pra cidade e seguem sendo shomrim mesmo fora da tnuá, os que não fazem ália, mas estão na vida comunitária lutando pra evitar a assimilação e que vão educar seus filhos como judeus que vão dar continuidade a sua comunidade. Enfim, cabe a nós nos esforçarmos cada dia para fazer melhor o que de melhor fazemos e o que mais gostamos de fazer.

Chazak Ve'Ematz



Reforzando lazos

Moisés Kirsch

Beyajad, México

Hace unos años se creó lo que era la familia Shómrica Mexicana, pero tengo que confesar que esto no se ha notado sino hasta la semana pasada donde nos reunimos diferentes javerim de las tres tnuot.

Este encuentro solo tenia un fin: hacer un plan de trabajo para los tres movimientos, y orgullosamente puedo decir que logramos mucho más que eso.

Sin duda alguna esta reunión no fue solamente para esto, ya que nos sirvió a muchos para reunirnos con nuestros amigos de la Ajshara y trabajar una vez mas a lado de ellos para lograr fines comunes.

Los principales resultados pueden ser resumidos en tres apartados:

1. La creación de una Hanaga Artzi con la participación de un representante de cada Ken que se dividirán en tres diferentes vaadot. La primera es Majane la cual estará a cargo de Juck Gotlib del Dor Jadash en esta ocasión, la segunda es Mifgash representada por Renato Huarte de Hashomer Hatzair México que tiene como fin el organizar encuentros sociales y moatzot, y finalmente Rijul la cual será para mantener la comunicación entre los kenim, lo relacionado con publicaciones y estará encargados de esta ultima un servidor, Moisés Kirsch de Beyajad.

2. La organización de un Majane en conjunto donde se contaría con mas de 200 participantes de los tres kenim que adicionalmente podría ser utilizado para reforzar a los futuros garim ajshara. Además invitaremos a javerim de otros kenim.

3. La organización de un encuentro social entre bogrim. Para esto se planeo una excursión a los rápidos de Veracruz que se llevará a cabo el próximo abril.

Como se podrán dar cuenta los logros son grandes y tomaron tan solo un par de horas para reforzar los lazos familiares y crecer todos juntos como uno

solo.

Sin duda alguna después de esto seguirán escuchando de nuestras tres tnuot, o mejor aún de una sola, la familia Shómrica.

Beyajad Ajshav, Beyajad Tamid

Jazak Veematz

Am Israel Jai



Próximas Actividades (Israel)

4 de Novembro

Manifestação recordatória de Yitzchak Rabin, em Tel Aviv.

25 de Novembro

Convenção do Kibutz Artzi - União dos Movimentos Kibutzianos

26 - 27 de Novembro

Seminário de Klitá em Nir Yitzchak

Grupo Hachshará passa para Nir Yitzchak

3 - 7 de Dezembro

Congresso Sionista Juvenil (Representantes)

10 - 11 de Dezembro

Seminário de Manhigut (Liderança) do Dpto. de Hagshamá (representantes)

17 - 19 de Dezembro

Seminário de despedida do Shnat sul-americano.

Reporte suas atividades a
berner@iname.com

“Não se fracassa se existe um começo”

Control Machete

